

Lucas 7, 11-17.

É aconteceu — assim começa esta história — e para avaliar o quanto é estranho o que aqui nos é narrado, imaginemos como seria, se isto acontecesse hoje em nossos dias, ou se nos fosse narrado êste fato como ocorrido em nossa visinhança — será que daríamos muita importância, nós que estamos acostumados a ler e ouvir notícias de fatos os mais estranhos todos os dias?

Mas, o que aconteceu naquele dia, de fato, em parte, acontece também entre nós, e o que Jesus viu ao entrar naquela cidade, também nós quase diariamente podemos ver. É a realidade que nos atinge bem de perto, de que aqui nos é falado, é a realidade de nossa própria vida. „Quando chegou perto da cidade, eis que saiu o entêrro do filho único de uma viúva: e com ela ia uma grande multidão da cidade.“ Quantas vezes, também nós já estávamos entre esta grande multidão que acompanhava um amigo no seu último caminho. Quantas vezes, igualmente, entre nós a morte já mostrou o seu poder de separar, de desfazer os laços mais fortes que podem unir-nos uns aos outros. E ela não pergunta pela necessidade de uma vida. O poder da morte, nós todos o conhecemos. Mas, nós todos também contamos com ela como fato irrevogável de nossa vida: sabemos que, quando ela vem, seja cedo, seja tarde, nada podemos fazer; resignamos; submetemo-nos ao que é inevitável. Mas, quando atingidos direta- e pessoalmente como esta viúva o foi, sentimos que não podemos conformar-nos; sentimos que a morte é o eterno enigma que ultrapassa tãda a nossa compreensão. Mas a pergunta: Porque? que só então em nós se levanta, está aí sempre e em todo o caso. Porque êste filho único — única esperança de sua mãe, único sentido de sua vida, único amparo que tem no mundo — porque é êle colhido tão cedo pela morte? Porque a nossa vida tão viva, tão cheia de esperanças, tão cedo toca nos seus limites, tão cedo se inclina para a sombra da noite? Quem dentre a grande multidão poderia mostrar àquela mãe que há um sentido em tudo isto, assim que as lágrimas que chora, não sejam sòmente lágrimas de desespero e dor?

Acompanhando a viúva a multidão só pode mostrar-lhe a sua solidariedade: estamos todos na mesma situação diante da morte: sem consôlo, sem auxílio. E o melhor que podemos fazer, é calar e assim respeitar a dor alheia.

Mas, êste é só um lado da história — é o nosso lado, que tão bem conhecemos, é a realidade que cedo ou tarde cada um de nós experimenta como sua própria, e que não depende de sua vontade.

O outro lado da história, do que aconteceu naquele dia à porta daquela cidade, é o evangelho, e como êste evangelho nos chama e convida para uma grande e forte fé! Êle nos diz que a grande multidão que acompanha a viúva não é o único cortejo — ao encontro dele, do lado oposto, vem um outro, vem Jesus com seus discípulos, e os dois se encontram, o cortejo fúnebre e o cortejo da vida. De quem será a vitória?

Se existisse somente aquela primeira realidade, a que tão bem conhecemos, porque a vemos com os nossos olhos — se a nossa vida de fato nada mais fôsse do que êstes anos tão rapidamente contados, e ainda a despedida, o túmulo — nada nos ajudariam tôdas as palavras, nada nos ajudaria a multidão que nos acompanha — nenhum sentido teria tôda a vida com seu trabalho, sua luta — tudo seria vazia, em vão, sem futuro, sem esperança, uma única grande ilusão.

Mas êste evangelho nos diz: Não, assim não é. Há uma outra realidade ainda do que aquela que é dominada pela morte: a realidade que se chama Jesus Cristo. E dêle nos é dito: Vendo a viúva, Êle moveu-se de íntima compaixão por ela, e disse-lhe: Não chores.

Uma das mais belas palavras do Velho Testamento é a palavra na qual Deus diz: Eu quero consolar-te, assim como uma mãe consola o seu filho — esta palavra aqui em Jesus Cristo é cumprida. Êle não precisa calar diante da dôr causada pela morte. Êle que disse: Bemaventurados são os que choram, porque êles serão consolados — Êle mostra aqui o seu poder de consolar dizendo a esta mãe que perdeu seu único filho: Não chores. E esta sua palavra nos autoriza a encararmos com esperança a nossa vida e crermos em seu profundo sentido. Cristo não ama a morte, mas ama a vida, Êle acha que vale a pena viver, que a nossa vida tem um valor, e a morte não é capaz de desfazer-se o seu sentido.

Ê nos dito que Jesus teve íntima compaixão por esta viúva que com lágrimas acompanhava seu filho que acabara de morrer. Jesus viu estas lágrimas. E Jesus vê, ainda hoje, as lágrimas incontáveis causadas pelo mesmo poder, Êle sabe da dor que a tantos faz chorar. Êle conhece tôda a escuridão que quer envolver as nossas almas, quando tôdas as coisas nos perdem o seu brilho — e Êle movido de íntima — compaixão, nos chama: Vinde a mim todos que andais aflitos e sobrecarregados. Jesus não resigna diante da morte, não se conforma com o seu domínio, não reconhece o seu poder. E o que Êle por sua própria morte e ressurreição conquistou como nova realidade para todos, disto Êle aqui estabelece um sinal: a morte encontrou o seu Mestre, vencido está o seu poder — e já são consolados aqui os que choram.

Ê o poder de sua compaixão por tôda a dor humana, é o poder da grande graça de Deus que aqui nos é anunciado — e isto, para que não mais nos submetamos resignados ao poder da morte, mas nos entreguemos ao poder de Cristo, que também diante dos



nossos túmulos nos diz: Não chores! Porque Eu sou a ressurreição e a vida; quem cre em mim, viverá ainda que morra; e todo aquele que vive crendo em mim, jamais morrerá.

Onde esta palavra em sua realidade nos alcançar, será como naquele dia que todos ficaram possuídos de temor, e glorificaram a Deus, e disseram: Deus visitou o seu povo. D. E. Schlieper.

\*

## Von der Verantwortung des Vaters in der Familie. Eine biblische Meditation.

„Ihr Kinder, seid gehorsam euren Eltern im Herrn; denn das ist recht so. 'Ehre deinen Vater und deine Mutter', das ist das erste Gebot mit einer Verheissung, nämlich: '...auf dass es dir wohlgehe und du lange lebest auf Erden'. Und ihr Väter, reizt eure Kinder nicht zum Zorn, sondern ziehet sie auf in der Zucht und Vermahnung des Herrn.“ (Epheser 6, 1-4).

Eine doppelte Mahnung enthalten diese Verse: Eine an die Kinder und eine an die Väter. Einen Augenblick mag man vielleicht fragen, ob auch die erste zu unserem Thema dazugehöre. Aber sie bildet im Zusammenhang des Textes zumindest den Hintergrund der zweiten. Es ist in der ersten Mahnung, die den Kindern die Gehorsamspflicht gegenüber den Eltern einschärft, die Autorität der Eltern aufgerichtet. Schon dies aber bedeutet nicht nur ein Recht, sondern auch eine Verantwortung der Eltern. Und von da her wird dann auch die zweite Mahnung unseres Textes zu verstehen sein.

Wir gliedern die folgenden Überlegungen in sieben Abschnitte.

1.) Es fällt auf, dass im zweiten Teil des Textes speziell die Väter die Angeredeten sind, nicht die Eltern allgemein. Die verantwortliche Ausübung der Autorität steht also nach unserem Text vor allem bei den Vätern.

Für die Zeit des Epheserbriefes war das eine Selbstverständlichkeit. Das Recht des Vaters erfuhr eine sehr starke Betonung. Heute spielt in der Gesetzgebung verschiedener Länder die Gleichberechtigung von Mann und Frau eine gewichtige Rolle. Aber auch eine veränderte juristische Situation hebt die Aufgabe des Mannes nicht auf, in Ehe und Familie bei aller Gemeinsamkeit des Entscheidens und Handelns mit seiner Frau der Führende zu sein, der die letzte Verantwortung zu tragen bereit ist. Dies gilt auch im Blick auf die elterliche Verantwortung für die Kinder.

Vielleicht ist es eine besondere Feinheit unseres Textes, dass in dem Wort an die Kinder der Blick auf beide Eltern gerichtet ist. Den Kindern gegenüber stehen Vater und Mutter zusammen. Wo aber die rechte Ausübung der elterlichen Autorität ins Auge gefasst ist, gilt die Mahnung insbesondere den Vätern. Anmer-